

O JORNAL COMO INSTRUMENTO NA EDUCAÇÃO

Professora PDE– Maria Aparecida Leitão

Graduação em Letras – Instituto Metodista de Ensino Superior/ SBC-SP

Pós-Graduação em Administração, Orientação e Supervisão Escolar – UNOPAR/
Arapongas-PR

Professora Orientadora da UEL – Dra. Lídia Maria Gonçalves

RESUMO

Sabemos que há uma grave crise na escola quanto à formação de leitores, por isso, realizamos uma pesquisa-ação que proporcionou aos alunos da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual “Ivanilde de Noronha”, do município de Arapongas-PR, a leitura do jornal na sala de aula. O objetivo principal foi favorecer a participação social por meio da leitura e da discussão de temas sociais urgentes, visto ser o jornal um veículo de comunicação que desperta o interesse e a curiosidade de jovens leitores por tratar de assuntos atuais e possuir vários gêneros textuais. O resultado apresentado foi favorável, pois os alunos tiveram a oportunidade de ler e interpretar adequadamente as notícias veiculadas pelo jornal, além de passarem a receber semanalmente um exemplar do Jornal Tribuna do Norte (Apucarana/PR) e o levarem para casa, discutem com os seus familiares as notícias mais importantes. A metodologia escolhida foi a de trabalhar os gêneros textuais presentes na seção “Cidades”, enfoque principal do sub- projeto extensionista que desenvolvemos na UEL, proporcionando um conhecimento mais amplo de temas locais.

PALAVRAS-CHAVE: jornal, leitura, Ensino Médio

ABSTRACT

We know that there is a serious crisis in school about reader's formation, so we conducted an action research which has provided students from the 1st grade of High School in State College “Ivanilde de Noronha”, in the city of Arapongas-PR, the reading of the newspaper in the classroom. The main objective was to encourage social participation through reading and discussion of pressing social issues, because the newspaper is a vehicle of communication that arouses the interest and curiosity of young readers by dealing with current affairs and have several textual genres. The result was shown favorable, because the students had the opportunity to read and properly interpret the reports of the newspaper, and started to receive a copy of the “Tribune Newspapers North” (Apucarana-PR) and carry it home, discuss with their families the most important news. The method chosen was the work of the textual genres present in the section “Cities”, main focus of the sub-project Extensionist we developed at UEL, providing a broader knowledge of local issues.

KEY-WORDS: newspaper, reading, High-School

INTRODUÇÃO

Após o ingresso no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) em 2007, juntei-me a um grupo de professores que desejavam, assim como eu, aperfeiçoar a leitura da mídia impressa, especificamente o jornal, na sala de aula. Com o auxílio da nossa orientadora, Prof^a Dr^a Lídia Maria Gonçalves, da Universidade Estadual de Londrina, que defendeu a sua tese de doutorado, em 2004, sobre a insuficiência do uso do jornal em sala de aula, definimos o trabalho de pesquisa em seis enfoques, cabendo a cada um de nós explorar uma seção do jornal.

O ano de 2007 foi dedicado aos estudos teóricos, com leituras, reflexões e debates que nos proporcionaram uma melhor compreensão sobre questões que envolvem formação do leitor. No primeiro semestre de 2008, retornamos à sala de aula, com o intuito de implementar esse projeto na escola em que trabalhamos. Por meio do vínculo institucional com a UEL, passamos a participar, como cidadãos voluntários, de um Projeto de Extensão Universitária “Formação de Leitores: O jornal no Ensino Médio”. Isto facilitou a ampliação do público do Projeto Vamos Ler, de Apucarana, que até então atendia alunos de quartas e quintas séries do Ensino Fundamental e passou a atender também os nossos alunos do Ensino Médio, distribuindo uma vez por semana, gratuitamente, um exemplar do Jornal Tribuna do Norte para esses alunos.

Esse projeto de leitura foi estendido aos professores da rede estadual, por meio do Grupo de Trabalho em Rede (GTR), com os quais trabalhamos de outubro/07 a junho/08. Por meio de textos teóricos apresentados, esses professores tiveram contato com essa proposta de exploração do universo midiático no ambiente escolar e puseram em prática as intervenções advindas do GTR em suas próprias escolas, ampliando dessa maneira o projeto original.

Por ser o jornal um importante material de circulação social e também um arquivo lingüístico, por meio dele podemos apreciar a linguagem culta e discutir seu conteúdo com os alunos.

A leitura crítica da mídia na sala de aula é muito importante para a formação de leitores competentes, visto que os assuntos abordados despertam a curiosidade dos jovens e abrem espaço para uma discussão de temas de interesse público que envolvem direitos e deveres de cidadania.

A inclusão do jornal como objeto de estudo abre espaço para novas fontes de leitura, uma vez que ainda existe a preferência de se trabalhar em sala de aula, com alunos do Ensino Médio, apenas a leitura de textos literários. E as pesquisas da área de Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua (também denominada Lingüística Educacional), bem como os documentos oficiais do MEC sobre ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná e os Projetos Políticos Pedagógicos assumidos pelas escolas públicas e particulares apontam para a necessidade do trabalho com diversos gêneros textuais, tanto da esfera literária, como da midiática e outras.

Em uma sociedade letrada circulam textos de diversas esferas da comunicação humana; dentre eles, gêneros da esfera da literatura (como o conto e o romance, por exemplo) e gêneros da mídia (como a notícia, a reportagem, o editorial, o artigo de opinião, a carta argumentativa, entre outros). Diante desse fato inegável, o ensino em geral e o de Língua Portuguesa em particular não pode desconsiderar que língua e sociedade são realidades indissolúveis (BRONCKART, 1999). Portanto, se os assuntos relacionados com a sociedade são muito importantes para formar e informar um cidadão, eles são altamente relevantes no espaço pedagógico.

Livros, jornais, revistas, HQ devem conviver na escola pela razão de conviverem na sociedade letrada. Conforme Baltar (2004, p.72): “suportes textuais são os espaços físicos e materiais onde estão grafados os gêneros textuais, como por exemplo o livro, o jornal, o computador, o folder, o manual de instrução, etc.”

Ao concebermos a linguagem como meio de interação com o outro e com o mundo, simultaneamente, reconhecemos que jornais, revistas, internet são suportes que “carregam” vários gêneros que circulam na sociedade. Como ensina Bronckart (1999), os gêneros secundários do discurso são aqueles que apresentam aspectos “ensináveis”; por serem mais complexos, diferem dos gêneros primários do discurso que são aqueles usados na esfera do cotidiano (bate-papo, por exemplo), portanto sua aprendizagem requer ensino.

O trabalho que desenvolvi por ocasião do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) teve como objetivo principal estimular a leitura no seu sentido mais amplo, observando o vocabulário presente no jornal; instiguei a participação social dos alunos por meio da discussão dos temas apresentados na mídia;

provoquei o aumento do interesse pela leitura dos diversos temas apresentados no jornal e promovi a análise crítica desses textos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como a leitura envolve um processo de criação e descoberta, deve ser também libertadora/ transformadora e possibilitar a ampliação do significado dos textos.

A leitura não é um ato solitário, ela constitui-se por meio da interação verbal entre o leitor, o texto e o autor. Como é notório, tanto o leitor como o autor pertencem a um grupo social e interagem, por meio da produção e recepção de textos, com o mundo e com os diversos textos que circulam naquele espaço social.

Segundo Marc Paillet, há duas linguagens nos jornais: a da *notícia*, que é o discurso referencial, informando os dados essenciais dos fatos, e a *jornalística*, que é a linguagem crítica, ideológica, adotada pelo jornal ou pelo redator do texto. Paillet estima ser importante advertir o leitor sobre essas duas linguagens a fim de que ele não caia nas armadilhas do texto ideológico (não necessariamente de assunto político). (FARIA, 1996, p. 48)

A leitura é uma construção ativa, pois é no processo de interação entre escrita e leitura que o texto é constituído, sendo assim cada leitura é diferente, pois o leitor é um co-autor que vai se identificar com o texto e dialogar com o mesmo, ratificando ou retificando os dizeres do autor.

É possível a multiplicação de um mesmo texto de acordo com as leituras que houver, visto que do ponto de vista político-ideológico o leitor produz a leitura, age sobre o texto. Conforme Soares (2005, p.28):

“... a leitura é, fundamentalmente, *processo político*. Por isso aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força da reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura...”

Atualmente, a leitura e a escrita são duas práticas sociais básicas, vigentes em todas as sociedades letradas. Não se deve perceber os textos escritos e os falados como atividades estanques/incomunicáveis/diferenciadas, embora os

processos e estratégias tenham características diversas por tratar-se de diferentes formas de manifestação, mas tanto por meio da modalidade oral como da modalidade escrita, todo discurso visa provocar uma ação/resposta.

Compreender um texto não é memorizá-lo, mas sim estabelecer relações entre ele e várias outras coisas lidas, ouvidas, conhecidas. Conforme Marcuschi (2005), a compreensão é um processo complexo que envolve elementos visuais, seleção de saliências textuais, confrontação e testagem das hipóteses para chegar a um produto final.

Um dos maiores problemas é a compreensão do texto (oral), produzido por professores, e o rendimento escolar depende muito dessa compreensão, prejudicada seja em razão das estruturas lingüísticas utilizadas, do léxico empregado, da própria organização discursiva ou por tantos outros fatores.

A leitura, no entanto, só será possível quando o texto for legível e inteligível, ou seja, quando for capaz de despertar a atenção do receptor para a apreensão e compreensão do dito. Ao nos referirmos à imprensa (jornal, revista, livro, cartaz), a codificação se restringe ao código lingüístico escrito, valendo-se do código icônico presente no desenho, fotografia, favorecendo, dessa maneira, também a leitura visual.

Ao trabalhar o jornal em sala de aula, busquei desenvolver a consciência crítica a respeito de temas de interesse público, porque segundo Bakhtin (2003), não há uma verdade absoluta, mas perspectivas ideológicas e inúmeros estudiosos atestam que os alunos percebem esta pluralidade ideológica, compreendem melhor a si mesmos e o mundo em que vivem. Baseados em concepções bakhtinianas, entendemos que a língua é viva, produzida historicamente, e que os discursos são elaborados de acordo com as posições discursivas que nele identificamos.

Devemos despertar nos leitores de comunicação de massa a preocupação com a qualidade da mensagem para que eles possam exercitar sua capacidade de avaliação, tornando-os leitores críticos.

Programas para a formação de leitores críticos dos veículos de comunicação são altamente relevantes, pois eles podem ajudar as pessoas a melhorarem o desempenho como leitores críticos do mundo e da própria indústria cultural, contribuindo na redefinição do perfil cultural da sua comunidade de atuação. A partir do momento em que há um estímulo maior para a leitura crítica, os cidadãos passam a participar mais ativamente da vida da sociedade em que estão inseridos;

não se apropriam mais da leitura apenas para a informação, mas sim para poderem opinar sobre os fatos veiculados e também sobre os produtos culturais que lhe são oferecidos, vão se sentindo capazes de tomar decisões importantes quanto à adesão ou não das mensagens divulgadas, o aceite ou repúdio aos conteúdos propagados. Sendo assim, conforme Melo (2005), a leitura crítica da comunicação adquire a dimensão da criatividade.

Por saber que a leitura ocupa um lugar privilegiado na transmissão de cultura e que a escola é a principal instituição que prepara pessoas para a participação no mundo da escrita, percebemos que a leitura é a interação entre homens de diferentes espaços geográficos e sociais, de gerações distintas. Portanto, atividades de leitura significativa devem estar no centro dos espaços escolares, independentemente da área de conhecimento ou disciplina ministrada.

Segundo Silva (2005), devemos trocar “espaço” da leitura por “terreno” para que esse seja trabalhado ou transformado pelos professores a fim de produzir leitores e leitura. Para que isso ocorra, deve-se ter o domínio de conhecimentos e técnicas sobre esse tipo específico de cultura, visto que as informações estão ocorrendo num tempo muito rápido.

Se pensarmos dessa maneira, podemos ver a leitura do jornal como uma semente a ser cultivada e preparada para se obter um resultado favorável. O professor deve estar pronto para cuidar de todas as fases de cultivo da leitura, mas para que isso aconteça de forma efetiva, ele deve ser também um leitor efetivo para não sofrer com as possíveis pragas que podem surgir no seu terreno. A participação no PDE impulsionou-nos a cultivarmos cada vez mais e melhor a nossa natureza de professores-leitores.

Para Silva (2005), só haverá transformação no ensino da leitura quando os professores assumirem, como sujeitos, o desafio da prática das situações de leitura, ou seja, quando encararem o desafio de ensinar a ler e a gostar de ler. Esse desafio foi aceito por nós e, também por isso, nos envolvemos no projeto extensionista da UEL, denominado “Formação do Leitor: O Jornal no Ensino Médio”.

Sabemos que a formação do professor para o ensino da leitura ainda é muito fraca, devendo este profissional estar disposto a se atualizar freqüentemente para poder se posicionar como um leitor crítico e competente e passar isso para o seu grupo de alunos. Silva (2005) afirma que “ todo professor, em razão da essência de seu ofício, é (ou deveria ser) um orientador de leitura”, e esta orientação deve ser

estendida aos alunos de diferentes idades, regiões, classes sociais, entre outros. Ser o professor um leitor é um adubo muito potente para cultivar um ambiente letrado, condição indispensável para a colheita de bons frutos, os alunos-leitores.

A formação do professor deve estar compromissada com o conhecimento e com a dinamização desse conhecimento junto aos diferentes grupos de alunos, para que a prática social de leitura realmente adquira uma importância pedagógica e possa obter êxito.

Para que houvesse um maior interesse sobre a leitura de textos jornalísticos, foi válido que estes fossem selecionados de acordo com a realidade do grupo de alunos em questão. A atuação docente nesta zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 2003), ou seja, partindo do próximo/conhecido para chegar ao distante/inicialmente desconhecido favoreceu para que eles pudessem questionar, compreender e interpretar adequadamente aquilo que liam.

Preocupe-me em proporcionar aos alunos o entendimento global do texto e interessava-me que eles percebessem que todo autor de um discurso tem uma visão particular do mundo e isso permeia sua produção textual.

Como o jornal diário, semanário ou eventual é sempre um grande suporte de textos, identificamos a variedade de gêneros discursivos nele contida, o que possibilitou o estudo das características da linguagem no contexto midiático. Afinal, a produção de um discurso - quer jornalístico ou não - sempre busca a resposta do outro, pede uma tomada de posição frente ao que se lê. A informação não é neutra, porque a linguagem humana sempre é dotada de intenções, tem caráter persuasivo.

Por meio dos textos encontrados na seção “Cidades”, nas aulas de Língua Portuguesa, buscamos estabelecer uma relação dialógica entre leitores e autores, pois o enfoque principal deste espaço/caderno jornalístico é escrever sobre os problemas da cidade, será de Londrina e região se o veículo for a Folha de Londrina ou será da cidade de Apucarana e região, no caso da Tribuna do Norte, e assim por diante. Em todos os casos, os autores utilizam estratégias lingüísticas e estilísticas para criarem seus textos, o que vai desde a seleção dos fatos até a escolha do vocabulário, e os meus alunos-leitores foram orientados a captarem essas estratégias e perceberem o uso argumentativo das mesmas.

De acordo com a visão do nosso grupo de pesquisa, o jornal não deve ser visto como mais uma disciplina, atividade ou matéria, pois ele é uma ampla fonte de informação para qualquer disciplina; devendo, portanto, ser utilizado como mais um

recurso pedagógico que possa facilitar a leitura crítica em todas as áreas do conhecimento humano. Para nós, a leitura do jornal deveria tornar-se um hábito saudável e integrar alunos, professores e comunidade, bem como possibilitar a interdisciplinaridade. Como educadores buscamos contribuir para que nossos alunos fossem capazes de compreender as leituras realizadas, desenvolvendo a habilidade de interpretação, pois somente desta maneira pudemos formar leitores e não meros leitores/decodificadores (GONÇALVES, 2004). Leitores são cidadãos capazes de produzir sentido ao que lê, competentes para contextualizar o texto, interpretando-o e atribuindo-lhe significado; não podemos permanecer de braços cruzados esperando que esse leitor caía do céu em nossa sala de aula, devemos e podemos fomentá-lo.

Gonçalves (2004, p.115-116) reconhece:

Quando ocorre algum trabalho a partir de questões sociais urgentes (por ex., leitura no jornal de um tema de destaque nos meios de comunicação), a aula é mais proveitosa e agradável porque a aprendizagem ocorre de forma significativa. É claro que levar o jornal do dia para leitura em sala de aula favorece a discussão de assuntos que não estavam no planejamento, o que torna a aula mais “aberta”, o que, por um lado, estimula a participação do aluno a compartilhar conhecimentos e, por outro lado, pode produzir insegurança no professor (...).

E a professora orienta que, para trabalhar com a leitura do jornal, devemos estar prontos para possíveis imprevistos, pois cada aluno pode reagir de uma maneira à leitura do material. É necessário também o planejamento de cada aula, mas este não pode ser fechado. Nas palavras de GONÇALVES:

Debater é aprender a ouvir e comunicar-se, respeitar as idéias dos outros e estar aberto a sugestões, atividade que requer disciplina para não virar “bagunça” (brincadeiras ou brigas), e essa vai se moldando à medida que a dinâmica é incorporada como atividade “natural” no ambiente escolar, sempre existindo a possibilidade de colocações inesperadas acontecerem. (2004, p.116)

METODOLOGIA

Como já afirmamos anteriormente, o presente trabalho está sendo desenvolvido com alunos da 1ª série do Ensino Médio. Primeiramente, foram apresentados a eles as partes constituintes do jornal, onde foram abordadas as

diferentes seções. Nas semanas seguintes, o enfoque do trabalho foi sendo gradativamente encaminhado para a seção “Cidades”, objeto da minha pesquisa, pois priorizamos os problemas apresentados no jornal que se referiam à nossa cidade e região.

O trabalho de leitura do jornal em sala de aula foi realizado uma vez por semana, durante o ano letivo de 2008. Nestas aulas, as atenções eram voltadas às notícias do dia, visto que por meio de solicitação do projeto extensionista da Universidade Estadual de Londrina, pudemos receber um exemplar do jornal “Tribuna do Norte” (Apucarana – PR), empresa que desenvolve o projeto “Vamos Ler”, para cada aluno da 1ª série do Ensino Médio de nossa turma do Colégio Estadual “Ivanilde de Noronha”, de Arapongas - PR. Nestas oportunidades, eram realizadas análises, tanto textuais como lingüísticas, de notícias, reportagens, editoriais, anúncios publicitários, fotojornalismo e de outros gêneros textuais eleitos como objeto de ensino-aprendizagem ao longo do ano letivo.

Outro jornal que trouxemos para sala de aula foi o “Folha de Londrina”, para que pudéssemos notar as diferenças de linguagem e estruturação entre dois veículos da mídia impressa. Trabalhamos as pesquisas de opinião (Fala, cidadão) e a partir das leituras, exploramos as características do gênero textual “entrevista” com o grupo de alunos.

Também desenvolvemos nossa capacidade de interpretação da linguagem não-verbal presentes nas fotos, ilustrações, charges, quadrinhos. Por meio apenas das fotos, os alunos observaram a cena e comentaram o que está sendo retratado nela; após esse comentário oral, redigiam um texto com legenda e manchete que julgavam coerente com a imagem veiculada e depois comparavam os seus textos com o original publicado no jornal, para perceberem que há múltiplas visões sobre um fato como também existem possibilidades lingüísticas para expressarmos um conteúdo, competindo-nos a eterna busca pela expressão mais lapidada. Observei que, conforme esse contato com o jornal era intensificado cada vez mais, eles ficavam ansiosos à espera do recebimento do jornal para que pudessem ler as notícias e expor suas opiniões a respeito delas.

Expliquei para eles a diferença entre diversos gêneros textuais presentes no jornal e pedi que, após alguns exercícios de leitura estudo das características de alguns dos gêneros da esfera jornalística, identificassem no jornal as notícias e seus principais elementos constitutivos. Em outra ocasião, fizemos o mesmo com as

reportagens e seus principais elementos caracterizadores. Em outra seqüência didática, exploramos as linguagens não-verbais (charges, tirinhas, fotos, tabelas, entre outras) e eles produziram belos trabalhos, conseguindo identificar sem problemas esses gêneros e, sobretudo, tornaram-se reais leitores do mesmo.

RESULTADOS

Ao começar o trabalho com os alunos da 1ª série do Ensino Médio, verifiquei que vários deles não sabiam nem como manusear o jornal e não conseguiam distinguir as diferenças existentes entre as diversas seções do jornal ou saber como localizar uma determinada informação naquele suporte.

Após trabalhar semanalmente com o jornal “Tribuna do Norte” e outros que foram trazidos para a sala de aula, os alunos começaram a se interessar pela leitura desse suporte textual e a discutir os problemas mais relevantes de nossa cidade e região. Asseguro que a implantação dessa proposta de trabalho resultou em seres humanos mais reflexivos, menos alienados, mais conscientes.

Esse trabalho nos proporcionou podermos participar de uma oficina pedagógica em Apucarana, na Associação do Jornal Tribuna do Norte, em 29/08/2008, em que nossa orientadora foi a palestrante, na primeira parte desse evento. Tratou sobre a importância do jornal na sala de aula para mais de duas centenas de professores municipais e estaduais ali presentes. Na segunda parte do evento, nós professores colaboradores do projeto extensionista, fizemos oficinas com todo aquele grupo de professores, auxiliando-os a trabalhar com o jornal, evidenciando os diversos gêneros textuais e dividindo com eles nossa positiva experiência no dia-a-dia da sala de aula.

Verifico que meus alunos já são capazes de compreender e interpretar adequadamente a maioria dos textos jornalísticos e a distinguir os diferentes gêneros textuais que circulam nessa esfera. Essa implementação foi favorável também para a comunidade, pois os pais também passaram a ler o jornal e a discutir as notícias com seus filhos, o que aumenta o diálogo na família e abre o canal para a negociação de outros temas de interesse privado. Creio que todos saímos ganhando com essa parceria, pois os conhecimentos adquiridos poderão servir em

futuros concursos ou testes que eles possam vir a participar, mas o gosto pela leitura do jornal está sendo útil desde já.

Em 19/11/2008, foi realizado o 1º Encontro de Interação entre os alunos do Ensino Médio que participam desse projeto extensionista da UEL. O evento ocorreu na Associação do Jornal Tribuna do Norte, em Apucarana/PR, no qual alunos de distintas escolas e cidades puderam se conhecer e conversaram com alguns jornalistas que fazem parte do jornal, os mesmos explicaram a importância do jornalismo, e os jovens participaram de dinâmicas referentes à leitura do jornal. Vivenciaram um dia diferente e, por isso mesmo, inesquecível, momento de nos encaminharmos para a finalização de mais um ano letivo e de comemorarmos a otimização dos resultados obtidos nesse percurso, o que nos motiva a continuar nesta trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. Martins Fontes. 2003

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo. Educ. 1999

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula – Leitura e Produção**. Cascavel. Ed. Assoeste. 1991

GONÇALVES, Lídia Maria. **Do leitor ao leitor: Um estudo de caso sobre as insuficiências do jornal em sala de aula no Ensino Fundamental**. Tese de doutorado. Defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre – RS.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo. Ed. Ática. 2005

KAUFMAN, Ana Maria & RODRIGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre. Artmed Editora, 1995

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas. Pontes. 1989

MELO, José Marques de. Comunicação Social: da leitura à leitura crítica. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo. Ed. Ática. 2005

MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru. EDUSC. 2002

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **A produção da leitura na escola: pesquisas X propostas**. São Paulo. Ed. Ática. 2005

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. Martins Fontes. 2003

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Teodoro da (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo. Ed. Ática. 2005